

Confins

Revue franco-brésilienne de géographie / Revista franco-brasilera de geografia

70 | 2026

Número 70

Registro de pesquisa

Repressão e resistência na história da geografia brasileira:

Orlando Valverde, um “comunista” no IBGE durante a ditadura civil-militar

Répression et résistance dans l'histoire de la géographie brésilienne : Orlando Valverde, un « communiste » dans l'IBGE pendant la dictature civil-militaire

Repression and resistance in the history of Brazilian geography: Orlando Valverde, a “communist” in the IBGE during the civil-military dictatorship

GUILHERME RIBEIRO ET FEDERICO FERRETTI

Résumés

Português Français English

Baseado em uma perspectiva inovadora assentada sob a investigação de fontes policiais para o estudo da história da geografia brasileira e sob a metodologia oriunda dos *surveillance studies*, o projeto em questão busca analisar a vigilância dos órgãos estatais de informação sobre a militância político-intelectual do ibgeano Orlando Valverde durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), mostrando como a repressão sobre ele, embora o tenha coibido, não o impediu de exercer resistência e de trabalhar para a redemocratização do país no âmbito, sobretudo, da Campanha Nacional de Defesa e Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA).

À partir de l'emploi des sources policières repérées dans l'Arquivo Nacional et l'Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro et de la méthodologie des études sur la surveillance (*surveillance studies*), ce projet vise à analyser comment les services d'espionnage ont suivi les pas d'Orlando Valverde pendant la dictature civil-militaire brésilienne (1964-1985). L'un des plus importants géographes de l'Institut Brésilien de Géographie et Statistique (en portugais, l'IBGE), cette répression a eu des conséquences négatives par rapport à sa carrière nationale et internationale, mais cela ne l'a pas empêché de résister et d'œuvrer pour la redémocratisation du pays, notamment au sein de la Campagne Nationale pour la Défense et le Développement de l'Amazonie (CNDDA).

Based on an innovative perspective grounded in the analysis of police sources for the study of the history of Brazilian geography and applying a consolidated methodology from *surveillance studies*, this project seeks to analyze the surveillance by State information agencies of the political-intellectual activism of IBGE geographer Orlando Valverde during the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985). It shows how the repression against him, although hindering

his activities, did not prevent him from exercising resistance and working for the re-democratization of the country, especially within the National Campaign for the Defense and Development of the Amazon.

Entrées d'index

Index de mots-clés : sources policières, agences d'information étatiques, études sur la surveillance, IBGE, Campagne nationale pour la Défense et le Développement de l'Amazonie.

Index by keywords: police sources, State information agencies, surveillance studies, IBGE, National Campaign for the Defense and Development of the Amazon.

Índice de palavras-chaves: fontes policiais, agências estatais de informação, surveillance studies, IBGE, Campanha Nacional de Defesa e Desenvolvimento da Amazônia.

Texte intégral



Afficher l'image

- 1 No ano de 2014, o historiador brasileiro Daniel Aarão Reis registra, na primeira página do seu livro

Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988

“Ao longo das décadas, excetuando-se o décimo aniversário, em 1974, as datas redondas (1984, 1994 e 2004) do episódio assinalaram um progressivo encolhimento dos que, mesmo com ressalvas, identificavam-se com a ditadura ou a defendiam. Hoje, passado meio século, as forças políticas presentes na sociedade, pelo menos as de maior destaque, condenam a aventura golpista, e não é fácil encontrar alguém que a resgate numa chave positiva” (Aarão Reis, 2014, p.7).

- 2 Em 2017, o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos anotava a “maturidade” da sociedade brasileira para sustentar que um golpe como o de 1964 estaria fora de cogitação, atestar a ausência de “pavor irracional” ao comunismo e o quão “insensato” era associar a crise da democracia à nostalgia para com as ditaduras (Santos, 2017, pp.65, 47 e 152). No ano seguinte, Jair Messias Bolsonaro, capitão reformado do Exército, deputado federal desde 1991 e defensor de primeira hora do regime militar, seria eleito presidente da República no segundo turno com mais de 57 milhões de votos.
- 3 Evidentemente, não é o caso de falar em erro de diagnóstico destes dois expoentes do cenário intelectual nacional, mas, sim, de interpretá-los como um sinal de que os efeitos da ditadura civil-militar – termo inspirado na clássica análise promovida pelo uruguaio René Dreifuss [1981] –, dentre eles o conservadorismo da sociedade brasileira culminando com a ascensão da extrema-direita representado pelo fenômeno do bolsonarismo, podem ter sido reprimidos (e, por conseguinte, subestimados) após a sucessão das vitórias presidenciais e dos governos progressistas de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff no intervalo compreendido entre 2002 a 2016 (Ribeiro 2024).
- 4 “Males que vêm para bem”, acena a sabedoria popular. Escutemo-la. Afinal, o Governo Bolsonaro, e tudo o que ele significou em termos de retrocesso democrático, evidenciou o fato de que a memória pública ao redor do tema ditadura tornou-se objeto de intensa disputa entre, de um lado, apoiadores do regime militar e, de outro, aqueles que buscavam reparação dos crimes e injustiças cometidos pelo estado de exceção –

estes últimos sendo fortalecidos pelos esforços da Comissão Nacional da Verdade (CNV), órgão instaurado por iniciativa do Governo Rousseff em 2011.

- 5 De acordo com o importante projeto Memórias da ditadura (disponível em <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/dilma-rousseff/>. Acessado em 03.05.2025), torturada pelos militares, a ex-presidenta Dilma sofreu brutalmente com pau de arara, palmatória, choques e socos, os quais causaram problemas em sua arcada dentária”. Integrando o funesto modus operandi do regime, para Ernesto Geisel, presidente ditatorial de 1974 a 1979, “a tortura era necessária em alguns casos (...) para obter confissões e, assim, evitar um mal maior” (Geisel 1998 [1997], p.225).
- 6 Em outras palavras, a re-emergência da extrema-direita no Brasil no primeiro quartel do século XXI trouxe, dialeticamente, a necessidade de voltarmos nossas atenções para o estudo do período ditatorial, convidando a nos posicionarmos diante de um tópico tão marcante para a vida nacional.

Valverde antes da ditadura: uma figura transnacional

- 7 Assim, ainda que se trate de um exercício contra-factual, não é em vão perguntar o que a geografia brasileira poderia ter sido se Josué de Castro (1908-1973) e Milton Santos (1926-2001) tivessem permanecido entre nós ao invés de serem exilados. Em um país conhecido por sua amnésia histórica, e considerando a atual inclinação da ciência geográfica por questões relativas ao tempo presente, tal exercício não é inútil porque ajuda a não esquecer e, tampouco, a não naturalizar o impacto da ditadura civil-militar sobre a história da geografia brasileira.
- 8 Todavia, embora a literatura especializada venha se concentrando sobre os exilados acima citados (Ferretti 2022 Ferreti & Pedrosa 2018, Ferreti & Davies 2021), o projeto de pesquisa em tela aborda a questão por um ângulo menos usual (ainda que existem exceções Ferretti 2018, 2021) ao debruçar-se sobre um geógrafo que vivenciou uma experiência não menos delicada, pois a ditadura não cassou seu posto de trabalho e ele continuou exercendo seus afazeres no Rio de Janeiro sem, contudo, abrir mão por completo de suas ideias progressistas. Tal condição, porém, fazia dele um alvo muito fácil do aparato de vigilância da época.
- 9 Enfim, no decurso de três meses, após realizarmos um levantamento documental contabilizando por volta de mil páginas no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e no Arquivo Nacional, respectivamente no Fundo Polícias Políticas e nas fontes engendradas pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), tivemos a oportunidade de descobrir que um dos principais geógrafos do IBGE no século passado foi sistematicamente monitorado pela rede de informações e espionagem posta em prática pela ditadura civil-militar contra aqueles que não seguiam as diretrizes do regime.
- 10 Estamos nos referindo a Orlando Valverde (1917-2006). Tendo debutado como profissional exatamente nos primeiros anos de funcionamento do IBGE em onze de outubro de 1938 a convite do todo-poderoso Christovam Leite de Castro, secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, em 1945 Valverde foi um dos enviados do IBGE para estudar na Universidade de Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos, como parte de um programa governamental brasileiro de aperfeiçoamento, pois lá havia uma geografia de aplicação prática voltada à resolução de assuntos regionais e territoriais e o Governo Vargas tinha bastante interesse em fazer o mesmo nas regiões central, norte e nordeste do país. A propósito, antes da viagem para o exterior, o *Diário Oficial da União* ordenava que funcionários públicos federais deveriam ampliar seus conhecimentos sobre costumes, sistema educacional e língua do país de destino (Ribeiro, 2024a).
- 11 Assim, durante onze meses ele travou contato com alguns dos geógrafos mais célebres da época como Richard Hartshorne, Carl Sauer, Isaiah Bowman, Harlan Barrows, Derwent Whittlesey, Clarence Jones, Vernor Finch e Leo Waibel (Barros, 2008; Zarur,

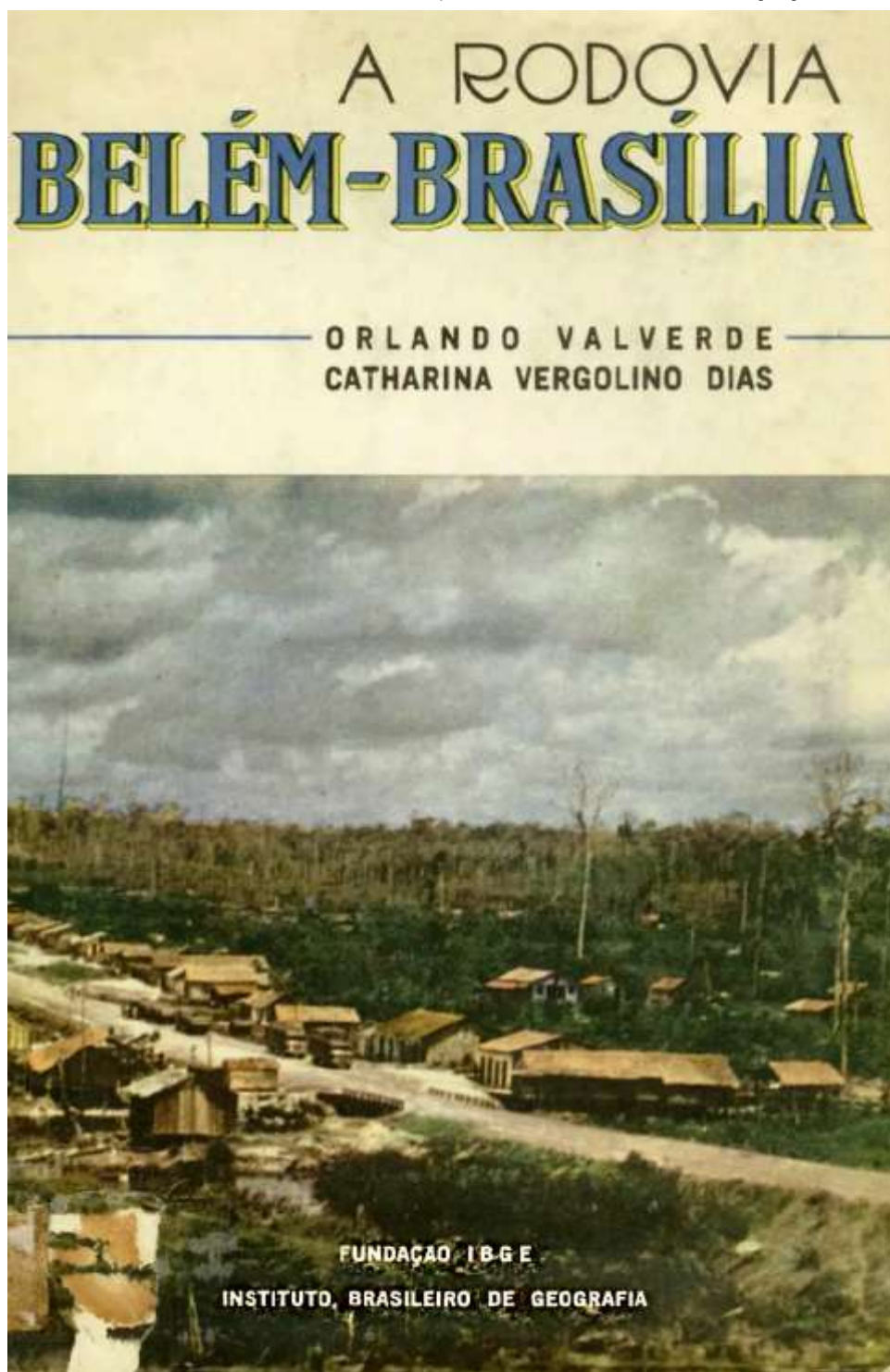
2016). Devido ao esforço de Valverde e outros ibgeanos, Waibel veio para o Brasil contratado pelo IBGE e tornou-se sua principal fonte de inspiração para a pesquisa em geografia agrária (ver Suertegaray et alii, 2017).

12 Graças à gentileza de Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde, professor do departamento de geografia da USP e neto de Orlando, tivemos a chance de fotografar um caderno pessoal resultante de sua temporada norte-americana. Composto de cento e treze páginas, com a “*first lecture*” em 25 de setembro de 1945 e a última em 18 de dezembro de 1945 – a Segunda Guerra Mundial termina em 2 de setembro, ressalte-se –, são notas de aula do que parece ter sido um curso dedicado ao continente africano oferecido pelo próprio Waibel, conforme depoimento de Valverde a Roberto Schmidt de Almeida (Almeida, 2000 p.275). A primeira lição assinala referências bibliográficas e uma caracterização geral em termos de tamanho, população e geografia física. Em linhas gerais, as páginas seguintes abalizam aspectos históricos da colonização européia, elementos do clima, relevo, vegetação e hidrografia, produção agrícola, temas econômicos etc. Enfim, um documento precioso para a geografia brasileira, e a ser devidamente aprofundado, se quisermos iluminar mais detalhes de sua formação universitária no exterior.

13 Antes desta experiência, Valverde exerceu um relevante, porém negligenciado, trabalho: o de tradutor (Ribeiro 2024a). Nas páginas do *Boletim Geográfico* durante o Estado Novo (o período autoritário de Vargas começa em 1939 e acaba em 1945, mas o *Boletim* só é inaugurado em 1943), ele efetuou quatorze traduções manejando os idiomas francês, espanhol e inglês. A ênfase recaiu sobre seis textos consagrados ao Brasil por Pierre Deffontaines, professor de Valverde na Universidade do Distrito Federal, docente na Universidade de São Paulo e consultor de pesquisa do Conselho Nacional de Geografia do IBGE. No que concerne à circulação de material em língua inglesa, temas de extremo relevo na época como a borracha na Amazônia e a geopolítica alemã também foram vertidos para o português por Valverde – este último ao lado de Jorge Zarur. Em espanhol, Valverde traduz artigos de corte teórico e historiográfico sobre os nexos entre geografia humana e cultura, a evolução da geografia, os novos fatos geográficos e a trajetória da geodésia.

14 Apoiado em trabalhos de campo, na observação das paisagens e suas mudanças e na indissociabilidade entre o homem e o meio ambiente, a abordagem regional de Valverde pode ser apreciada em vários artigos na *Revista Brasileira de Geografia*, no *Boletim Geográfico* e no *Boletim Carioca de Geografia*, tais como – e os títulos, para citar apenas alguns, são reveladores da *démarche* da época – *Divisão regional do vale do São Francisco* e *Excursão à região colonial antiga do Rio Grande do Sul*, nos anos quarenta; *O uso da terra no leste da Paraíba* e *Geografia econômica e social do babaçu no meio norte*, nos anos cinquenta; e *O noroeste da mata pernambucana (A região de Timbaúba)* e *A geografia agrária como ramo da geografia econômica*, nos anos sessenta – porém, até 1964 (Valverde 1944, 1948, 1955, 1957, 1960, 1961. Ver, a propósito, Adas 2006. Infelizmente, sua bela tese vai até 1964).

Figura 1 Uma das publicações de Orlando Valverde pelo IBGE



- 15 Por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia da União Geográfica Internacional, ocorrido no ano de 1956 pela primeira vez no hemisfério sul no distrito federal, Valverde foi responsável por organizar um trabalho de campo de vinte e um dias, do Rio de Janeiro ao interior do Rio Grande do Sul, com geógrafos de dezesseis nacionalidades distintas (Abrantes 2014, p. 6). Ou seja: em um momento no qual a geografia brasileira se mostrava para o mundo, ele ocupou uma posição de autoridade e que só poderia ser levada a cabo por alguém cuja *expertise* era reconhecida pelos seus pares. Na sequência ele publica, editado pelo CNG, *Planalto meridional do Brasil: Guia da excursão n. 9*. Enriquecido por mapas e fotografias e pela interlocução com autores como Pierre Monbeig, trata-se de um documento histórico valioso para quem deseja compreender como se fazia geografia na época e como era o Sul do Brasil (Valverde, 1957). Outro exemplo: no final dos anos cinquenta e início dos sessenta, Valverde integra a comissão de Ciências Sociais com vistas à realização da Enciclopédia Brasileira do Instituto Nacional do Livro. Embora o projeto não tenha obtido êxito, esta é mais uma evidência a atestar seu prestígio. Nos anos cinquenta ele também atinge o posto de chefe da Divisão de Geografia do IBGE (Almeida 2000, p.143).

Um alvo constante das redes de espionagem militar

- 16 Em síntese, no momento da irrupção do golpe de 1964, a contribuição intelectual de Valverde já possuía lastro considerável. Todavia, em tempos de Guerra Fria e de alinhamento do Brasil com os Estados Unidos, a histeria anti-comunista, já presente por aqui desde a década de 1930 (Motta 2020 [2002]), reassume a cena e passa a ser um dos elementos ideológicos cardeais a definir partidários e opositores do regime. Cabe destacar que, nesse clima paranóico, o significante “comunista”, explícita ou implicitamente associado a supostas conspirações soviéticas, assume conotação apelativa e pode ser atribuído a qualquer opositor (inclusive trotskistas, anarquistas ou, mesmo, católicos ...) ou pessoa intelectualmente independente – e não unicamente durante a ditadura.
- 17 Deste modo, já no primeiro ano do golpe, Valverde é intimado, no inquérito policial militar 481 relativo ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB, a comparecer ao Palácio da Cultura, Rio de Janeiro, para, ao lado do professor e escritor Ivan Cavalcante Proença e outros intelectuais, “tomarem ciência de que estão indiciados no IPM por *atividades subversivas*”. A causa para isto pode ter sido uma palestra pronunciada por Valverde no próprio ISEB em 1963. Em um dos papéis produzidos pelo DOPS, e a despeito de ter sido reconhecido como diretor da Divisão Cultural do Conselho Nacional de Geografia, a referência dispensada a Valverde é a de “marginado”¹.
- 18 Pouco mais de seis meses depois do golpe, o Departamento Estadual de Segurança Pública do Estado da Guanabara confecciona o Dossier n.6. Estampado com o título *Comunistas do I.B.G.E.* e classificando os funcionários em três grupos – comunista (ce), castrista (ce) e pelego (pe) –, Valverde é o primeiro nome da lista. Novamente atrelado à Divisão Cultural do IBGE e tido como comunista e castrista, é descrito como “um chefe ideal para orientar as células”. Uma informação curiosa a ser investigada indica “último cargo na SUNAB ligado a Darcy Ribeiro”, pois sua ligação com o antropólogo e político aparece em vários documentos por nós consultados.
- 19 No final da década de 1970, a ditadura passa a ser menos diretamente repressiva, Milton Santos volta do exílio em 1977 e, em 28.08.1979, a Lei da Anistia anula todos os crimes políticos dos anos anteriores. Perspicaz, a literatura sublinha, contudo, que seus principais beneficiários não foram os oposicionistas, mas os próprios torturadores e militares em geral (Motta 2021, Zaverucha 1994).
- 20 Nesta conjuntura, a militância de Valverde ganha fôlego novo e, mesmo abrindo várias frentes, concentra-se sobre sua agência junto à Campanha Nacional de Defesa pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA). Sua movimentação deve ser interpretada na esteira do levantar de parte da sociedade civil brasileira com vistas a destronar a ditadura e restabelecer a democracia. Paralelamente, a espionagem continua a incidir sobre ele (inclusive como forma de oposição à abertura do regime) e segue seus passos em diferentes direções.

Figura 2 Professor Orlando Valverde - O Legado na Defesa da Amazônia



<https://nerdssomosnozes.blogspot.com/2009/06/professor-orlando-valverde-o-legado-na.html>

- 21 Assim, no final de 1979, um simples ciclo de debates estimulado pelo Clube de Engenharia do Rio de Janeiro não passa despercebido pelos militares. Entende-se: afinal, devem ser acompanhadas cuidadosamente discussões sobre movimento sindical no Brasil, geração e difusão de tecnologia no Brasil e “consequências da exploração econômica da Amazônia”, este último tópico sendo debatido pelo senador Evandro Correia (AM), o sociólogo Lúcio Flávio Pinto, o presidente da Associação dos Empresários da Amazônia João Carlos Meirelles e Orlando Valverde, presidente da Comissão de Defesa da Amazônia ².
- 22 Em 23.02.1979, um informe confidencial divulgado pelo SNI averiguou, três dias antes, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a organização de uma reunião da Comissão de Defesa da Amazônia. Atraindo por volta de cem pessoas, inclusive deputados federais e estaduais, “todos com ligações com as esquerdas”, foi convocada pelo General da Reserva Tácito de Freitas, pelo ex-Comandante da Marinha Henrique Miranda, pelo ex-Coronel Kardec Leme e por Orlando Valverde. Transcrevendo a conclusão do evento, lemos: “A defesa da ecologia e, em particular, da Amazônia, tem sido, de há muito, uma das bandeiras empunhadas pelo PCB. A Comissão de Defesa da Amazônia, agora sob a influência de João Antônio Mesplé, Henrique Cardoso, Gumercindo Cabral e Fernando Segismundo, está sendo usada através do Gen Tácito de Freitas e do Cmt Henrique Cordeiro como linha auxiliar do ‘Partido’ para criar mais um movimento de contestação de massas” ³. Ou seja: enquanto Valverde estava pelejando pela Amazônia para os brasileiros e pela preservação de sua biodiversidade, os militares não enxergavam senão planos mirabolantes sob inspiração comunista...
- 23 A propósito, em 1975, Valverde foi associado a Kardec Leme como colaborador do panfleto *Boletim Amazonas*, dirigido por Leme e outros ex-oficiais cassados. Eles descobrem também que Valverde fará pesquisas na Amazônia pelo IBGE e que ele prometeu uma cópia do trabalho a Leme ⁴.
- 24 Ainda segundo avaliação militar – agora a cargo do 1º Exército, 4ª DE-2ª seção de Belo Horizonte em 06.11.1980 –, temas como feminismo, meio ambiente, custo de vida e libertação do negro seriam álibis para “entidades de fachada” colocarem em prática os “pontos fundamentais do programa socialista”, composto, por sua vez, pelos seguintes itens: assembleia constituinte; desmantelamento dos órgãos de informações; liberdade de expressão; contra a ditadura; legalização do PC; defesa da imprensa alternativa; sindicatos livres; reforma agrária etc. Dentre as principais organizações de fachada estariam o Comitê Brasileiro de Anistia (CBA), o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR) e o Movimento de Defesa da Amazônia. Vinculado ao Movimento Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, este último, em seus primeiros atos públicos, contou com a presença de Orlando Valverde.

- 25 Enfim, diante do material exposto, e ciente do potencial documental aqui levantado a ser burilado, a delimitação do tema até aqui nos reorienta a uma interrogação de fundo mais ampla e complexa que pode ser assim sintetizada: *baseado em uma perspectiva inovadora assentada sob a investigação de fontes policiais para o estudo da história da geografia brasileira, quais pautas e manifestações progressistas expressam a militância político-intelectual do ibgeano Orlando Valverde, de que maneira elas fizeram com que ele fosse considerado subversivo e comunista no contexto da Guerra Fria e, logo, ser vigiado pela comunidade de informações da ditadura, e qual foi o papel jogado por seu envolvimento junto à Campanha Nacional pela Defesa e Desenvolvimento da Amazônia?*

Metodologia

- 26 Baseada tanto na chamada teoria francesa (Beckman 2018; Deleuze 1992; Foucault 1975, 2004) quanto na italiana (Agamben 2005; Carter-White e Minca 2025; Esposito 2018), a pesquisa geográfica internacional⁵ enfatiza questões de vigilância e biopolítica discutindo, por exemplo, como estados de emergência tendem a se tornar a norma. Atentos aos nexos indissociáveis entre espaço e vigilância, para geógrafos como Francisco Klauser (2017, p.9), “interrogar as lógicas espaciais, o funcionamento e as implicações da vigilância” deve contribuir para “debates sociopolíticos mais amplos” – o que significa não esquecer que, muitas vezes, a geografia também serviu à vigilância ao invés de questioná-la (Lowman 1986). Daí a necessidade de inovação metodológica, maiores reflexões e aproximação com o campo dos *surveillance studies* (Ball et al. 2012), os quais, nas últimas duas décadas, se desenvolveram em torno de periódicos como *Surveillance and Society*⁶, por exemplo.
- 27 Articulando estas contribuições ao caso empírico brasileiro, uma particularidade importante da vigilância policial entre nós tem sido sua continuidade entre diferentes regimes. Os trabalhos das principais agências nacionais de controle político excederam os dois regimes autoritários que governaram o país no século XX, ou seja, o Estado Novo (1937-1945), de Getúlio Vargas, censurador da geografia sob a égide do Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP (Ribeiro 2024b), e a ditadura civil-militar (1964-1985). O infame Departamento da Ordem Política e Social, o DOPS, foi fundado em 1924, permanecendo ativo até a década de 1980, e o Serviço Nacional de Informações, SNI, criado após o golpe de 1964 para coordenar as diferentes agências militares e civis de espionagem, foi dissolvido somente em 1990. Durante a ditadura, instituições como Exército, Marinha e Força Aérea, e até ministérios civis como o da Educação, passaram a ter seus próprios serviços de vigilância e informação (Fico 2001; Quadrat 2000).

Figura 3 “Análise de propaganda adversa” da Agência Brasileira de Inteligência

BR DFANSS VE ONC.AAA.300/052.ano.1/9

ACE Nº	TPO DOC.	NÚMERO DOC.	ANO DOC.
A0108522	APRECIÇÃO	002049	1980
SIGLA SETOR	DATA DOC.	QUANT. FOLHAS	GRAU DE SIGLO
43 AC	02/10/80	07	C
ASSUNTO			
ANÁLISE DE PROPAGANDA ADVERSA. JORNAL HORA DO POVO, 56, 26 SET a 3 OUT 1980.			
ANEXO			
EXEMPLAR DO JORNAL HORA DO POVO, 56 (08 páginas)			

Arquivo Nacional, SIAN, Agência Brasileira de Inteligência, Análise de propaganda adversa, p.1-9

- 28 Tais serviços empregaram informantes infiltrados em grupos “subversivos” (Negro e Fontes 2008, p.18), produziram abundante material fotográfico (Lissofsky e Bastos 2012) e colaboraram com instituições semelhantes em outros países, especialmente em Portugal de Salazar, para observar exilados brasileiros (Braggio e Fiuza 2019). Além de ativistas, sindicalistas e jornalistas, também acadêmicos atraíram atenção especial. Por um lado, “um número significativo de professores e estudantes foi morto ou desapareceu” (Melgaço e Pimenta 2014, p.118). Por outro lado, desde que a Operação Limpeza de 1964, seguida pelo Ato Institucional nº 5 de 1968, impuseram ao sistema educacional uma virada totalitária e, paralelamente, uma “comunidade de informações” (idem p.122) – conceito de relevo para interpretarmos as fontes e os arquivos em tela – foi sendo incrementada entre as agências acima mencionadas, com o envolvimento direto de espões infiltrados e administrações universitárias. De fato, o regime tinha muito clara a “função estratégica” (Mansan 2013, p.18) da educação, sem deixar também de vigiar a “equipe técnica e administrativa” (idem, p.19) nas universidades.

Figura 4 Orlando Valverde mencionado no relatório



Arquivo Nacional, SIAN, Agência Brasileira de Inteligência, Análise de propaganda adversa, p.1-9

29 Segundo Lucas Melgaço, uma característica chave da vigilância é sua “recursividade”, pois, “com o tempo, os sistemas de vigilância podem se voltar contra si mesmos” (Melgaço 2025, p.143), afetando tanto os observados quanto os observadores. Foi o que aconteceu com a Comissão Nacional da Verdade: além dos testemunhos dos sobreviventes, ela “utilizou massivamente a documentação do DOPS” (Sodré e Roncaglio 2017, p.252) preservada nos Arquivos Estaduais. Apesar de obstáculos como a disponibilidade desigual de materiais e a relutância de ex-funcionários em revelar seus papéis em torturas e assassinatos, essas fontes foram consideradas confiáveis pelas comissões de reparação (idem, p.264) e interrogá-las uma espécie de “contra-uso” dos arquivos para chegar a o que chamamos uma “radicalização” dos arquivos através de usos críticos que têm relevância social e política, para pensar novos “mundos” (Hodder e Krishnan 2025).

Direções e propósitos da pesquisa: considerações finais

- 30 O maior objetivo desta pesquisa é demonstrar, à luz do exame documental, como, por quê e em quais circunstâncias o Estado ditatorial brasileiro, montando e instrumentalizando uma rede altamente capilarizada de repressão e vigilância policial-militar executada por vários órgãos de informação dentro e fora do território nacional, espreitou, perseguiu e coibiu o geógrafo e cidadão Orlando Valverde no período 1964-1985.
- 31 Conexo ao item anterior, explorar o uso de fontes de vigilância para criar histórias de 'outras' geografias também desponta como objetivo, pois estamos convictos de que materiais produzidos pelos próprios militares como parte integrante da sustentação de um regime autoritário – ou seja, documentos com todas as distorções e equívocos característicos de um estado paranóico de exceção – tornam-se, nas mãos de pesquisadores críticos, instrumentos de defesa da democracia e da liberdade de expressão (Melgaço e Pimenta 2014, p.121).
- 32 Se os arquivos do SNI “também incluem informações detalhadas sobre adversários que conseguiram permanecer em suas posições, adaptando-se à legalidade restritiva do regime, sem, no entanto, perder sua perspectiva crítica” (idem, p.120), um outro propósito desta pesquisa é o de reconhecer a resistência de Valverde em condições as mais adversas. Seu trabalho foi abrindo trincheiras, no Brasil e no exterior, para uma crítica à penetração capitalista no campo conduzida pelos militares. Afinal, um olhar menos atento para o IBGE durante os anos de chumbo pode sugerir uma instituição que, por ser federal e ligada diretamente ao Ministério do Planejamento e à Presidência da República, atendia integralmente ao regime.
- 33 Entretanto, a repressão não foi capaz de coibir totalmente a resistência. A militância e a inteligência de Valverde mostram isso. Nesse sentido, nossa intenção é a de considerar o desenvolvimento da geografia crítica brasileira não apenas como um empreendimento acadêmico-universitário, mas como um componente das lutas contra a ditadura civil-militar, o que nos leva a valorizar a atuação política de Valverde enquanto um intelectual público nas ruas, na SBPC, na AGB – tal como registram as inúmeras fontes ainda a serem pormenorizadas – e em outros espaços durante a retomada de alguma forma de “democracia” no Brasil a partir do final da década de 1970.
- 34 Outro encaminhamento importante reside em difundir para as gerações mais jovens que geógrafos também lutaram contra a ditadura militar e que a compreensão deste fenômeno tem na história da geografia um campo e um *métier* privilegiados para reconstitui-lo. Existe um capítulo inédito da geografia crítica brasileira que só pode ser contado se a trajetória de Valverde for reconstruída. Fazer isto significa ampliar a discussão sobre o regime civil-militar na geografia. Insuficientemente analisado em se tratando de um período crucial da história do Brasil contemporâneo, nossa impressão é a de que geógrafas brasileiras e geógrafos brasileiros precisam perder o receio de estudar a ditadura autoritária e seus impactos sobre a ciência geográfica.
- 35 Em termos historiográficos, retornar a Valverde e ao IBGE com base em pesquisa histórica de fontes originais é enriquecer (e, em boa medida, ultrapassar) a bibliografia sobre a história da geografia brasileira, cujos livros introdutórios publicados na onda crescente da geografia crítica – *Introdução à geografia: geografia e ideologia* (Sodré, 1976), *O que é Geografia?* (Moreira, 1980), *Geografia: pequena história crítica* (Moraes, 1999 [1981]) e *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico* (Andrade, 1987) – vêm sendo lidos como se fossem pioneiros e intocáveis mesmo quase meio século depois de suas primeiras edições.
- 36 Por fim, tal como vimos fizemos acerca do Boletim Geográfico e da Revista Brasileira de Geografia e no Estado Novo, é parte de nossa agenda continuar a escrever uma *história política crítica* da geografia produzida no IBGE (Ribeiro, 2024a, 2025).

Agradecimentos

- 37 Ao colega Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde (USP), pela acolhida simpática e calorosa em seu gabinete em dezembro de 2025 e por compartilhar conosco algumas interpretações sobre Orlando Valverde e a ditadura militar brasileira. Pela bolsa de produtividade em pesquisa que permitiu o desenvolvimento deste artigo, nosso reconhecimento ao CNPq. Texto escrito como parte integrante do pós-doutorado em curso de Guilherme Ribeiro no CREDA-IHEAL.

Bibliographie

- AARÃO REIS, Daniel. Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ABRANTES, Vera. Era preciso redescobrir o Brasil. *Terra Brasilis* [Online], 3, 2014.
- ADAS, Sergio. O campo do geógrafo: colonização e agricultura na obra de Orlando Valverde. USP, Tese de doutorado em geografia, 2006.
- AGAMBEN, Giorgio. *State of Exception*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- ALMEIDA, Roberto S. de. A Geografia e os geógrafos do IBGE no período 1938-1998. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Geografia, UFRJ, 2000.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.
- BALL, Kirstie; HAGGERTY, Kevin; LYON, David (eds.). *Routledge Handbook of Surveillance Studies*. Abingdon: Routledge, 2012.
- BECKMAN, Frida (ed.). *Control culture: Foucault and Deleuze after discipline*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.
- CARTER-WHITE, Richard; MINCA, Claudio. *A spatial theory of the camp: geopolitics, biopolitics and the immunitarian state*. Cheltenham: Elgar, 2025.
- DELEUZE, Gilles. *Postscript on the Societies of Control*. *October* 59:3-7, 1992.
- DREIFUSS, René A. *1964: a conquista do Estado*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- ESPOSITO, Roberto. *Biopolitics and philosophy*. Albany: University of New York Press, 2018.
- FERRETTI, Federico. *Decentring the Lettered City: Exile, transnational networks and Josué de Castro's Centre International pour le Développement (1964-1973)*. *Antipode* 54 (2):397-417, 2022.
- FERRETTI, Federico. *Decolonizing regional planning from the Global South: active geographies and social struggles in North-eastern Brazil*. *EPD – Society and Space* 39(4):665-684, 2021.
- FERRETTI, Federico. *Geographies of internationalism: radical development and critical geopolitics from the Northeast of Brazil*. *Political Geography* 63:10-19, 2018.
- FERRETTI, Federico; PEDROSA, Breno V. *Inventing critical development: a Brazilian geographer and his Northern networks*. *Transactions of the Institute of British Geographers* 43(4):703-717, 2018.
- FERRETTI, Federico; DAVIES, Archie. *Josué Apolônio de Castro (1908-1973)*. In: Baignent, Elisabeth; Novaes, André Reyes (ed). *Geographers Biobibliographical Studies* (pp.115-148), n. 40. London: Bloomsbury, 2021.
- FERRETTI, Federico; RIBEIRO, Guilherme. *Watching radical geography: Spaces and practices of authoritarian surveillance in 'democratic' and 'dictatorial' Brazil*. *Antipode* 58(1):e70131, 2026.
- FICO, Carlos. *Como eles agiam; os subterrâneos da ditadura militar; espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Naissance de la biopolitique: cours au Collège de France (1978-1979)*. Paris: Gallimard, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir : naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.
- GEISEL, Ernesto. *Ernesto Geisel*. Organizado por D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998 [1997].
- HODDER, Jake; KRISHNAN, Sneha. *Archives as worldmaking*. *Journal of Historical Geography* 88:39-42, 2025.
- KLAUSER, Francisco. *Surveillance and space*. London: Sage, 2017.
- LISSOVSKY, Maurício; BASTOS, Teresa. *Images of suspicion: surveillance photos in the Brazilian political police archives*. *Surveillance & Society* 10(1):65-82, 2012.
- LOWMAN, John. *Conceptual issues in the geography of crime: toward a geography of social control*. *Annals of the Association of American Geographers* 76(1):81-94, 1986.

- MANSAN, Jaime Valim. A educação superior sob vigilância: o caso do DOPS/PR (1964-1988). *Revista HISTEDBR* 51:14-26, 2013.
- MELGAÇO, Lucas. Recursive surveillance and the persistence of authoritarian surveillance in Brazil. *Surveillance & Society* 23(1):140-144, 2025.
- MELGAÇO, Lucas; PIMENTA, Rafaela M. Brazilian universities under surveillance: information control during the military dictatorship (1964–1985). In: BOERSMA, Kees; BRAKEL, Rosamunde van; FONIO, Chiara; WAGENAAR, Pieter (eds.). *Histories of state surveillance in Europe and Beyond*. London: Routledge, p. 118-131, 2014.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. 17ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999 [1981].
- MOREIRA, Ruy. *O que é geografia?* São Paulo: Brasiliense, 1980.
- MOTTA, Rodrigo. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.
- MOTTA, Rodrigo. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Niterói: Eduff, 2020 [2002].
- NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo. Using police records in labor history: a case study of the Brazilian DOPS. *Labor: Studies in Working-Class History of the Americas* 5(1):15-22, 2008.
- QUADRAT, Samantha Viz. *Poder e informação: o sistema de inteligência e o regime militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- RIBEIRO, Guilherme. *A necropolítica do bolsonarismo e outros textos: registros de tempos sombrios*. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2024.
- RIBEIRO, Guilherme. Circulação científica, políticas linguísticas e geopolíticas da tradução no Boletim Geográfico do IBGE durante o Estado Novo (1943-1945): uma introdução. *Geografares*, v. 4, p. 1-32, 2024a.
- RIBEIRO, Guilherme (org.). *Uma história para o futuro: quatro leituras sobre a Revista Brasileira de Geografia do IBGE*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2025.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos, *A democracia impedida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.
- SODRÉ, Nelson Werneck, *Introdução à geografia. Geografia e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1976
- SODRÉ, Clarice Araújo; RONCAGLIO, Cybelle. O caráter de prova dos documentos produzidos pelas DOPS. *Perspectivas em Ciência da Informação* 22(3):252-266, 2017.
- SUERTEGARAY, Dirce et alii (org.). Orlando Valverde. *O geógrafo e sua obra*. Porto Alegre: UFRGS, 2017.
- VALVERDE, Orlando. Divisão regional do vale do São Francisco. *RBG*, n.2, vol. 6, abr-jun, p.179-218, 1944.
- VALVERDE, Orlando. Excursão à região colonial antiga do Rio Grande do Sul. *RBG*, abr-jun, n. 4, v. 10, p.477-534, 1948.
- VALVERDE, Orlando. O uso da terra no leste da Paraíba. *RBG*, n. 1, vol. 17, p.49-90, 1955.
- VALVERDE, Orlando. Geografia econômica e social do babaçu no meio norte. *RBG*, n.4, vol. 19, p.381-420, 1957.
- VALVERDE, Orlando. O noroeste da mata pernambucana (A região de Timbaúba). *Boletim Carioca de Geografia*, n.1 e 2, p.5-68, 1960.
- VALVERDE, Orlando. A geografia agrária como ramo da geografia econômica. *RBG*, n.2, p.170-2, 1961.
- ZAVERUCHA, Jorge. *Rumor de Sabres: tutela civil ou controle militar?* São Paulo: Ática, 1994.

Notes

1 Aperj, *Setor Informações*, p.2.

2 Arquivo Nacional, SIAN, *Ministério da Aeronáutica, III Comar, Ciclo de debates no Clube de Engenharia*, p.1.





3 Arquivo Nacional, SIAN, SNI, *Comissão de Defesa da Amazônia*, p.1-5.

4 Arquivo Nacional, SIAN, SNI, Agência Rio de Janeiro, *Relatório n. 10 da Operação Fusão I*, p.1-22.

5 Sobre essa parte, veja-se especialmente: Ferretti e Ribeiro, 2026

6 Disponível em <https://ojs.library.queensu.ca/index.php/surveillance-and-society>.

Table des illustrations

	Titre	Figura 1 Uma das publicações de Orlando Valverde pelo IBGE
	URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/69093/img-1.jpg
	Fichier	image/jpeg, 318k
	Titre	Figura 2 Professor Orlando Valverde - O Legado na Defesa da Amazônia
	Crédits	https://nerdssomosnozes.blogspot.com/2009/06/professor-orlando-valverde-o-legado-na.html
	URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/69093/img-2.jpg
	Fichier	image/jpeg, 40k
	Titre	Figura 3 “Análise de propaganda adversa” da Agência Brasileira de Inteligência
	Crédits	Arquivo Nacional, SIAN, Agência Brasileira de Inteligência, Análise de propaganda adversa, p.1-9
	URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/69093/img-3.jpg
	Fichier	image/jpeg, 135k
	Titre	Figura 4 Orlando Valverde mencionado no relatório
	Crédits	Arquivo Nacional, SIAN, Agência Brasileira de Inteligência, Análise de propaganda adversa, p.1-9
	URL	http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/69093/img-4.jpg
	Fichier	image/jpeg, 1,0M

Pour citer cet article

Référence électronique

Guilherme Ribeiro et Federico Ferretti, « Repressão e resistência na história da geografia brasileira: », *Confins* [En ligne], 70 | 2026, mis en ligne le 14 mars 2026, consulté le 01 avril 2026. URL : <http://journals.openedition.org/confins/69093>

Auteurs

Guilherme Ribeiro

Professor Titular na UFRRJ, geofilos@msn.com

Articles du même auteur

Centro de cálculo, redes de circulação e história da geografia: o caso da Revista Brasileira de Geografia do IBGE (1939-1996) [Texte intégral]

Center of calculation, nets of circulation and history of geography : the case of the Revista Brasileira de Geografia from the IBGE (1939-1996)

Centre de calcul, réseaux de circulation et histoire de la géographie : le cas de la Revista Brasileira de Geografia de l'IBGE (1939-1996)

Paru dans *Confins*, 45 | 2020

A intimidade da geografia humana ou o mérito de professor [Texte intégral]

L'intimité de la géographie humaine ou le mérite du professeur

The intimacy of human geography or the professor's merit

Paru dans *Confins*, 45 | 2020

A escrita geográfica do tempo: tradução e circulação, texto e imagem, geografia humana e geografia histórica a partir de Henry Clifford Darby (1909-1992) [Texte intégral]

The geographical writing of the time: translation and circulation, text and image, human geography and historical geography from Henry Clifford Darby (1909-1992)

L'écriture géographique du temps : traduction et circulation, texte et image, géographie humaine et géographie historique à partir de Henry Clifford Darby (1909-1992)

Paru dans *Confins*, 44 | 2020

Fernand Braudel e as metamorfoses do tempo e do espaço : o conceito de geohistória em *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (1949 e 1966) [Texte intégral]

Fernand Braudel et les métamorphoses du temps et de l'espace : Le concept de géohistoire dans *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (1949 et 1966)

Fernand Braudel and the metamorphosis of time and space : the concept of geohistory in *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (1949 and 1966)

Paru dans *Confins*, 21 | 2014

Geografias empáticas: homenagem a Paul Claval [Texte intégral]

Paru dans *Confins*, 21 | 2014

Democracia sob suspeição [Texte intégral]

Paru dans *Confins*, 20 | 2014

Tous les textes...

Federico Ferretti

Alma Mater Studiorum Università di Bologna, federico.ferretti6@unibo.it

Droits d'auteur



Le texte seul est utilisable sous licence CC BY-NC-SA 4.0. Les autres éléments (illustrations, fichiers annexes importés) sont susceptibles d'être soumis à des autorisations d'usage spécifiques.